

Crise política, agora, preocupa mais os credores

PARIS — Os dirigentes do Tesouro francês, que respondem pela Secretaria do Clube de Paris, recusam-se, por enquanto, a comentar o telex do Ministro Bresser Pereira, que suspende o pagamento do principal e dos juros da dívida externa do Brasil com entidades oficiais.

A comunidade bancária, porém, está atenta ao desenrolar dos acontecimentos políticos e econômicos no Brasil esta semana, principalmente o quebra-quebra de anteontem no centro do Rio de Janeiro e o atentado contra o Presidente Sarney, no sábado passado. Estes dois fatos reforçaram as exigências dos credores de que qualquer negociação com o Brasil, na situação atual precisa de um

acordo formal prévio com o Fundo Monetário Internacional.

Este foi o principal argumento que motivou os membros do Clube de Paris a não aceitarem a abertura de negociações para atualizar o acordo assinado em janeiro, cujo objetivo era o refinanciamento de US\$ 2,492 bilhões, incluindo o principal e juros dos débitos de 1985 e 1986. As dívidas de 1987 — US\$ 500 milhões — foram reescaladas por seis meses e venciam no dia 30 de junho.

Por enquanto, não existe nenhum sinal de que o Clube de Paris pretenda endurecer o jogo contra o Brasil, pois se o resultado da atual visita da missão do FMI ao Brasil for positivo, as negociações poderão ser retoma-

das imediatamente.

Também não houve, até agora, nenhum corte de linhas de crédito bancário de curto prazo, apesar da nova moratória decretada pelo Governo brasileiro ontem. Isto porque os bancos europeus não chegaram a este estágio de comprometimento com o Brasil sem precauções. Ao contrário dos americanos, os bancos alemães, franceses e suíços já tinham instituído a criação de fundos de reserva como uma norma, desde que começaram as dificuldades de pagamento das contas externas de países africanos. Os países ligados ao Clube de não têm segurança de que o Brasil não voltará a recorrer a uma outra moratória, a curto prazo.